

## **ANEXO V**

### **Reflexões críticas produzidas pelos seis alunos**

## Mariana

---

Com este trabalho pretendo apresentar e descrever de forma sucinta duas das abordagens que estão definidas actualmente como estando na base da investigação, relacionando-as com as metodologias que delas derivam e explicitando a aplicabilidade das mesmas na investigação em Fisioterapia. Pretendo ainda, ao longo do trabalho, ir reflectindo acerca de algumas questões levantadas no fórum de discussão.

Segundo Shepard et al (1993), existem duas grandes abordagens de investigação: a Fenomenologia e o Positivismo. Na primeira os dados recolhidos são designados por qualitativos e as questões são formuladas com o objectivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. Na segunda a procura da informação faz-se através de dados quantitativos, que permitem estabelecer e provar relações entre variáveis operacionalmente definidas, com vista à descrição e à explicação do fenómeno observado. Considero que a escolha por uma das abordagens, embora influenciada pela natureza do investigador, pelos seus paradigmas, deverá ser feita tendo em conta a focalização do problema em causa.

Por tradição, tende-se a descrever a ciência/investigação como sendo essencialmente quantitativa e, tal como é descrito por Shepard et al (1993), a abordagem que continua a dominar é a positivista. Actualmente coloca-se a questão da utilidade da criação de projectos que associem os paradigmas qualitativo e quantitativo. Pessoalmente admito que me é difícil perspectivar uma mesma investigação em que coexistam ambos os paradigmas. Na verdade estes servem a propósitos tão distintos que uma união na prática me parece pouco viável; tornaria a investigação de uma enorme complexidade e todo o processo seria tão moroso que dificilmente se chegariam a grandes conclusões. Por outro lado, parece-me importante que estudos qualitativos e quantitativos feitos sobre uma temática semelhante se tornem complementares após a sua realização. Concretizando, na área da fisioterapia podia ser feito um estudo qualitativo que procurasse identificar os factores predisponentes ao declínio funcional da população idosa. Por sua vez, poderia ser efectuado um estudo quantitativo para analisar o comportamento motor dos músculos estabilizadores da coluna, durante a marcha, em indivíduos com mais de 65 anos. Deste modo as informações recolhidas pelos dois estudos poderiam ser complementares, permitindo uma intervenção mais fundamentada.

Relativamente à questão que surgiu em torno do investigador dever ou não estabelecer, *à priori*, o rumo que irá dar à sua investigação, penso que um planeamento

inicial deve existir tanto em estudos quantitativos como qualitativos, embora estruturado de um modo específico para cada um. Assim, se numa investigação qualitativa o investigador participa activamente no processo e se permite a observações mais livres, deixando que as dimensões de interesse emergam progressivamente durante o processo de colheita e análise de dados, ou seja, o foco do estudo pode ser progressivamente ajustado, o mesmo não é suposto acontecer numa investigação quantitativa. Nesta o investigador terá de adoptar uma postura neutra e em que é essencial um planeamento metódico inicial, com regras metodológicas fixas e totalmente definidas, no sentido de orientar a investigação. Tudo isto se deve a formas diferentes de encarar a verdade e o conhecimento. Assim, para os positivistas, a verdade vem dos números, daquilo que é possível avaliar com medidas e o conhecimento é visto como um conjunto de factos verificáveis. Outra perspectiva têm os fenomenologistas, em que conhecimento é alcançado com a melhor compreensão do fenómeno, descrevendo, interpretando e explicando os factos. Estas diferentes perspectivas irão ter repercussões ao nível da fidelidade e validade dos estudos. Pessoalmente penso que a avaliação da validade deve ser feita à luz do propósito do trabalho de investigação. Consequentemente, se em estudos quantitativos se fala claramente de validade interna e externa, nos estudos qualitativos não existe ainda consenso para determinar a validade dos mesmos. Na minha opinião, os resultados podem ser credíveis se o investigador descrever e perspectivar uma situação, baseando-se no estudo detalhado e consistente da mesma. Defendo que a vantagem dos estudos qualitativos reside no facto de nos darem a conhecer em profundidade casos concretos, que poderemos não generalizar mas que aumentam o domínio do nosso conhecimento e perspectivam um maior leque de opções na intervenção. Os resultados de uma investigação quantitativa são passíveis de ser generalizados e são extremamente válidos não devem é ser encarados como a melhor forma de intervir só porque resultaram numa dada amostra.

Em suma, as abordagens positivista e fenomenológica são distintas. O Positivismo busca dados rigorosos e quantificáveis, dedicando pouca atenção aos estudos subjectivos individuais; a Fenomenologia procura examinar o mundo como ele é experienciado, compreendendo o comportamento humano a partir do que cada pessoa pensa ser a realidade. Nenhuma das duas abordagens é melhor que a outra, servem a propósitos diferentes. Estes dois paradigmas são de extrema importância na investigação em fisioterapia uma vez que ambos contribuem, embora de formas distintas, para tornar o estudo mais completo. Talvez tenha uma tendência natural para defender a abordagem fenomenológica, pelos valores em que acredito, pela educação que tive, por acreditar na

perspectiva bio-psico-social e porque me é difícil separar investigação de intervenção. Sinto que os resultados da investigação que segue esta abordagem permitem adquirir uma maior capacidade para individualizar a intervenção e prever situações, reconhecendo contudo a importância de dados exactos, que se possam medir e que se demarquem da percepção. Assim, considero que o segredo da evolução em fisioterapia terá de resultar da complementaridade entre estudos qualitativos e quantitativos, resultando numa investigação mais rica e ampla.

## Beatriz

---

A reflexão crítica abaixo pretende responder aos objectivos propostos para a tarefa em questão, na qual inicialmente se aborda a importância da investigação no contexto da fisioterapia e seguidamente se caracterizam as diferentes perspectivas de investigação, a relação/diferenças entre elas e as suas aplicações. Por último está presente a minha opinião acerca do assunto abordado.

No contexto da fisioterapia, a investigação assume um papel bastante preponderante uma vez que justifica todo o conjunto de valores e fundamentos da nossa prática, tendo como principal foco os interesses e necessidades do fisioterapeuta e do utente.

Para uma prática baseada na evidencia estão intrínsecos os vários conceitos de consolidação da própria profissão, sendo que esta terá cada vez mais de sofrer uma evolução no sentido de melhorar a sua eficácia, fundamentar a sua relevância e autonomia ao corresponder adequadamente às necessidades e problemas com que os utentes se deparam e, deste modo atribuir uma verdadeira responsabilidade profissional a cada fisioterapeuta consciente da realidade com que se confronta.

No âmbito da investigação existem duas abordagens distintas em todos os seus parâmetros, cada qual com aplicação mais adequada tanto às crenças do próprio investigador como ao problema com que este se depara e ao objectivo que pretende alcançar.

No paradigma filosófico do Positivismo predomina a abordagem quantitativa e ao longo dos tempos a imprevisibilidade dos fenómenos decorrentes do Homem tendenciou a que os investigadores no contexto da fisioterapia adoptassem maioritariamente este tipo de estudos positivistas associados ao empirismo dos problemas reais.

Nesta vertente são tidas em conta as relações de causa-efeito de modo a que a realidade objectiva possa ser solucionada ao propor e testar hipóteses incidentes em questões previamente colocadas. O investigador assume um papel colateral no qual não lhe é permitido influenciar a actividade que está a investigar, devendo demonstrar um carácter independente e diferenciado. A abordagem quantitativa é ainda característica de um raciocínio dedutivo, assumindo como sujeitos as pessoas alvo da investigação, e num ambiente previamente controlado e manipulado é permitida a ocorrência de um

determinado número de variáveis que o investigador desconhece e tenta compreender, de modo a que os seus objectivos sejam atingidos.

Como tal, a fidelidade dos estudos maioritariamente quantitativos é bastante preservada pois desde que se cumpram os mesmos parâmetros de investigação, os dados tratados irão corresponder a um mesmo resultado, independentemente do investigador, espaço e tempo em que se insere. Assim, os dados tratados neste tipo de estudo têm significância numérica e são constituídos de verdades. O pressuposto teórico de base de um estudo positivista estabelece a formulação das hipóteses e o modo como estas vão ser testadas.

Já o paradigma Fenomenológico tem um carácter predominantemente qualitativo e baseia-se no entendimento dos fenómenos sociais e na actividade humana centrado no ponto de vista da pessoa que está a ser estudada. Portanto, consoante a perspectiva da pessoa, entendida como participante activo, e a forma como as variáveis decorrem são assumidas as várias experiências observáveis. Neste âmbito os indivíduos necessitam de ser compreendidos no seu todo num determinado contexto e são consideradas várias realidades objectivas em condições controladas. Este controlo, em contrário do estipulado pela abordagem quantitativa, é elaborado de forma natural e num ambiente não manipulado pelo investigador.

Dado que estes estudos não são passíveis de serem repetidos com os mesmos resultados, a sua validade e fidelidade não é comprometida, tendo em conta as características qualitativas, isto porque ocorre uma comparação constante entre diferentes fontes e há uma descrição exacta da realidade dos sujeitos. A estrutura teórica desta abordagem é criada através da sua procura pelo fenómeno dentro do seu contexto natural. Assim, a realidade e subjectividade humana jamais é desprezada, característica esta crucial na investigação em saúde.

Esta abordagem tem tendência para se declinar mais sobre o porquê das coisas e a linha orientadora do seu estudo é passível de ser alterada, enquanto que a quantitativa é mais centrada em questões concretas e pouco subjectivas e cumpre uma linha orientadora mais rígida e pré-definida.

Ainda sobre a abordagem qualitativa, subentendo que consoante a própria perspectiva do leitor assim como do autor poderá ocorrer uma interpretação dos factos diferente.

Uma vez que ambas as abordagens são adoptadas consoante o tipo de estudo realizado, visto que são formas diferentes de responder a questões diferentes, possuindo

cada uma utilidade para o desenvolvimento da fisioterapia e do seu conhecimento, não considero necessário a junção das duas perspectivas num mesmo estudo, para além deste se tornar mais dispendioso, extenso e complexo.

Por último, é importante salientar possibilidade de opção de escolha do investigador relativamente às duas abordagens visto que, no caso de só existir uma delas, a realidade teria de ser vista de acordo com um único ponto de vista.

Investigar é um processo de aprendizagem que nasce de questões e dúvidas que nos surgem ao longo do tempo como estudantes e mais tarde como profissionais sobre algo já testado e consolidado, sobre temas, matérias e teorias que podem de alguma forma estar incompletas e que nos suscitam algumas dúvidas e questões. É a partir daqui que começa o processo de investigação, temos uma pergunta, sobre a qual vamos formular hipóteses, as quais vamos testar com metodologia adequada a fim de conseguir uma “resposta”, uma conclusão.

Este texto fala sobre os paradigmas da investigação, as abordagens e métodos na investigação, está organizado de forma conter uma parte de fundamentos teóricos em relação a estes temas e outra parte com uma reflexão crítica própria.

A condução da investigação, e o próprio processo de investigação são assentes em diferentes paradigmas de investigação que têm por base pressupostos filosóficos A escolha do paradigma depende em muito da forma como o investigador vê o mundo, daquilo que é, e de todos os factores que têm influência sobre si.

Basicamente existem dois paradigmas que transmitem a forma como o investigador vê o mundo, que pode ser uma forma mais quantitativa ou uma forma mais qualitativa. Uma vez que esta última admite a existência de múltiplas realidades existem várias abordagens que podem ser feitas segundo este paradigma.

A abordagem Positivista é uma delas, relaciona-se mais com o método quantitativo que assenta no pensamento dedutivo. Procura-se estabelecer uma relação causa-efeito, tem-se em conta os fenómenos observáveis tratando-os de uma forma objectiva, o investigador recolhe dados e utiliza métodos descritivos que não se alteram no decorrer da investigação O ambiente de investigação é controlado e manipulado para que nenhum factor externo possa alterar ou interferir com os resultados, a interacção entre o sujeito e o observado é previamente preparada. A investigação com a utilização deste método tem como objectivo generalizar.

Outra pode ser a abordagem Fenomenologica que se relaciona mais com o método qualitativo que assenta num pensamento mais indutivo. O indivíduo que está em estudo é entendido em todas as suas componentes como um todo e no decorrer da sua acção, todas as interpretações e conclusões são baseadas na observação e interpretação da pessoa que está a ser estudada, o investigador é livre para utilizar diferentes tipos de métodos no decorrer da investigação, neste tipo de investigação os sujeitos são activos,

participantes e colaboradores no processo. Neste tipo de investigação com a utilização deste método o investigador observa, compreende e interpreta os comportamentos, o objectivo aqui não é fazer generalizações, mas fazer transferências.

No entanto as duas abordagens, e o próprio investigador deve obedecer aos princípios de fidelidade e validade quer interna, quer externa.

Na minha opinião o processo de investigação é bastante complexo, e que surge de algo que é muito nosso, algo muito específico, que são as nossas questões. A partir daí, todo o processo vai depender em muito daquilo que somos, das nossas expectativas em relação ao estudo, das nossas crenças, das nossas ideias. O investigador com o objectivo e a própria questão da investigação, irá assim determinar qual o paradigma mais eficaz, ou mais adequado a seguir no caso específico da investigação. Ainda há outros aspectos que podem ter influência como por exemplo o tempo ou factor monetário. Contudo não quer dizer que a questão não possa ser tratada sobre os dois paradigmas, ou então pessoas diferentes investigarem sobre o mesmo tema com paradigmas diferentes e no final haver como que um completar das investigações.

Todos nós sabemos, e principalmente na área da saúde que cada vez mais é preciso entender-se o utente em todas as suas perspectivas, analisar todos os factores que possam contribuir para o sucesso ou o fracasso da nossa intervenção. É essencial ter em conta todos os aspectos relacionados com o utente e não apenas aquele que estamos a investigar, o ser humano é muito complexo, e todas as variáveis quer sociais, psicológicas, étnicas, religiosas podem interferir e por isso não devemos excluí-las. Na minha opinião na perspectiva mais quantitativa muitos factores e variáveis são excluídos, mas que caso se verifiquem podem alterar as conclusões a que chegamos durante a investigação, isto mostra-nos que este tipo de investigação embora mais específica e objectiva pode ser um pouco falível, no entanto formulam-se generalizações que podem servir de referência para outras populações. Por outro lado acho que a perspectiva mais qualitativa corre o risco de ser muito extensa e descritiva e onde irão ocorrer conclusões que não podem ser generalizadas para outras populações.

Não defendo assim a utilização de um paradigma em relação a outro, mas acho que os dois se podem completar e tornar assim a investigação mais rica em termos de conteúdos e resultados.

O espaço que nos tem proporcionado a discussão de ideias entre nós alunos sobre os temas tem sido o Fórum no qual têm havido bastantes participações e se têm revelado um meio de debate, de conversa, de convívio e de muita diversão.

Nesta reflexão pretendo discutir vários conceitos relacionados com o processo de investigação e depois reflectir sobre eles. Assim inicialmente, apresento uma exposição teórica dos conceitos e posteriormente reflecto sobre eles e sua importância no processo de investigação em fisioterapia.

Cada investigação começa com o paradigma do investigador. Este paradigma é “único” para cada um que realiza investigação, pois baseia-se na forma como o investigador observa a realidade e a analisa, fazendo com que cada investigador tenha um ponto de vista diferente sobre a realidade devido a terem experiências diferentes, crenças diferentes, etc. Portanto cada paradigma vai definir o caminho a seguir pelo investigador durante a investigação (influencia a formulação de hipóteses, de questões e escolha do tipo de abordagem). Estes diferentes tipos de abordagem podem ser: quantitativa, qualitativa ou mista.

Uma abordagem quantitativa (Positivismo) analisa um aspecto restrito da realidade, com o objectivo de poder controlar/moldar o ambiente de estudo para que os resultados obtidos não sofram influências externas, de modo a poder estabelecer uma relação causa-efeito entre as variáveis a ser estudadas. Baseia-se em três conceitos fundamentais: reprodutibilidade (o estudo pode ser reproduzido em qualquer lado, que serão obtidos os mesmos resultados), validade interna (forma como a variável a ser estudada influencia a relação causa-efeito) e validade externa (generalização dos resultados).

Uma abordagem qualitativa (Fenomenologia) privilegia o utente como um sujeito activo na investigação. A realidade tem de ser entendida pelas percepções, experiências e valores da pessoa. Assim o investigador ao longo da investigação vai ser confrontado com uma extensa multiplicidade de variáveis (comportamento humano dos diversos sujeitos) com o objectivo de compreender o sujeito em todas as suas vertentes. A recolha de dados é feita através de observação por parte do investigador (investigador activo) e através de entrevistas realizadas ao sujeito. Ao longo da recolha de dados, o investigador realiza uma comparação constante com outros dados obtidos para assim poder compreender melhor a realidade.

Em relação à veracidade de uma investigação proveniente de uma determinada abordagem relativamente a outra, penso que não seja possível afirmar que um estudo positivista é mais verdadeiro do que um estudo fenomenologista. Esta opinião baseia-se no

facto de as duas abordagens estudarem aspectos diferentes da realidade e portanto não serem passíveis de ser comparados devido a possuírem características diferentes.

Na minha opinião, a abordagem positivista é demasiado restritiva para compreender um comportamento humano, que como foi visto acima é baseado numa realidade muito complexa. No entanto, este tipo de investigação é fundamental para o desenvolvimento de mais conhecimento e de novas técnicas, que irão melhorar a nossa prática clínica. Assim, esta abordagem foi, é e será fundamental para o nosso futuro enquanto fisioterapeutas, porque permite o desenvolvimento de um leque cada vez mais “perfeito” de técnicas, com maior percentagem de sucesso não descurando nunca o bem-estar do utente, aspecto primordial da nossa intervenção.

Em relação a uma abordagem fenomenológica, penso que esta também é fundamental, pois ao permitir compreender o utente como um todo, permite-nos compreender certos aspectos que por vezes levam a que o utente se sinta desmotivado e que a intervenção não decorra nos melhores termos. Em suma, os factores que não são tidos em conta numa abordagem positivista assumem relevância nesta abordagem. No entanto, penso que não seja possível generalizar resultados com este tipo de abordagem pois não é possível reproduzir um estudo realizado na Austrália, por exemplo, em África, uma vez que a cultura das pessoas, a religião e outros factores, fazem com que o comportamento humano em cada uma das zonas seja diferente e portanto os resultados obtidos nos estudos seriam diferentes.

Em conclusão, o paradigma do investigador pressupõe a utilização de uma das abordagens de investigação, mas isso não quer dizer que o investigador não possa realizar diferentes estudos em que utilize diferentes abordagens. Penso que não seja correcto afirmar que utilizar uma abordagem relativamente à outra é melhor, porque as abordagens são diferentes e são utilizadas com diferentes objectivos. No entanto, uma abordagem mista, que abordasse tanto aspectos positivistas como fenomenologistas, poderia cobrir uma maior área da realidade, e assim o estudo seria mais generalista. Uma junção destas duas abordagens permitiria colmatar as falhas (na minha opinião) de cada uma das abordagens, o que poderia levar a uma maior evolução do conhecimento. No entanto, este tipo de investigação é moroso e portanto, a melhor solução implica um trabalho de equipa de vários investigadores que permita não só comparar opiniões entre os vários investigadores, como também, diminuir o tempo de realização do estudo. No meu ponto de vista esta seria uma abordagem mais correcta para ser utilizada em fisioterapia, já que o

nosso objectivo enquanto fisioterapeutas é de promover uma maior funcionalidade e bem-estar do utente.

Numa pequena reflexão sobre os paradigmas de investigação vou tentar dar a minha opinião e esclarecer alguns pontos sobre este tema.

A investigação é muito importante para a evolução da Fisioterapia e para a evolução de outras áreas da saúde. Para que haja esta evolução é necessário que a investigação tenha um elevado grau de fidedignidade. Para que isto aconteça é necessário que o processo de investigação siga um determinado paradigma e uma determinada metodologia. Os métodos a seguir estão agrupados em duas perspectivas filosóficas que têm o nome de Fenomenologia e Positivismo. No caso da Fenomenologia, dá-se relevância aos dados qualitativos do objecto de estudo, enquanto que no Positivismo, dá-se mais relevância aos dados quantitativos do objecto de estudo.

Na minha opinião é o paradigma que controla toda a investigação. Quando se parte para uma investigação o investigador já tem um paradigma escolhido, pois esse mesmo paradigma não é escolhido, mas sim adoptado como estilo de vida. Com isto, podemos concluir que mesmo antes da investigação começar esta já está a ser influenciada, pois os investigadores tendem a conduzir a investigação consoante a sua perspectiva de vida e a sua forma de encarar a realidade. Assim sendo, posso dizer que quando a forma utilizada para ver a realidade por parte dos investigadores for mais quantitativa, estes tendem a utilizar como método de estudo o Positivismo, mas quando a percepção da realidade for feita de forma mais qualitativa o método de estudo utilizado é a Fenomenologia. Com esta atitude pode-se dizer que não é a investigação que leva à escolha de um paradigma, mas sim é o tipo de crenças e modo de ver a realidade por parte do investigador que escolhe o paradigma para a investigação.

Na minha perspectiva, o Positivismo tem um carácter mais fidedigno e válido, pois a realidade é expressa de forma mais rigorosa enquanto que na Fenomenologia a realidade é expressa de forma mais minuciosa e descritiva. Não estou a dizer que um estudo que tenha como base a fenomenologia não possa ser fidedigno. Mas sim, para que um artigo que tenha como base a fenomenologia mostre a sua fidedignidade, é necessário que os dados obtidos no estudo ao serem utilizados num outro estudo ou tratamento mostrem a sua validade. Enquanto que os resultados de um estudo quantitativo não necessitam de ser posto à prova, visto que os dados obtidos por estes reflectem a pura realidade.

Na generalidade os estudos tendem a ser na sua totalidade quantitativos ou qualitativos, mas em muitas investigações qualitativas surge necessidade de recorrer a observações quantitativas ou vice-versa. Algumas vezes os investigadores satisfazem estas necessidades, digo algumas vezes porque dos poucos artigos que li ainda nenhum ou quase nenhum adoptou esta medida. Será que não surgiu essa necessidade? Será que recorrendo a só um paradigma o estudo ficou completo? Na minha opinião não é isso que acontece. O que acontece, é que os investigadores têm regras e filosofias de vida tão rígidas que só se regem por um dos paradigmas. Se estes estudassem com outros investigadores que se regem pelo outro paradigma podíamos estar no bom caminho. O que na minha opinião os investigadores deviam fazer, já que estes têm pensamentos tão próprios, a quando percebessem que a investigação estava a necessitar de dados relativos a outro paradigma que não seja aquele pelo qual o investigador se rege, estes deviam passar o estudo a outro investigador que pudesse satisfazer essas necessidades.

Na minha perspectiva todos os estudos que se considerem científicos deviam ser elaborados com a utilização dos dois paradigmas havendo sempre um que predominasse, mas diz-se que não se utiliza nas investigações os dois paradigmas, pois torna o processo de investigação muito dispendioso. Agora vamos pensar, se continuarmos a fazer investigação tendo em conta só um dos paradigmas podemos estar a ficar a meio do caminho, pois se utilizarmos os dois paradigmas podemos alcançar patamares mais altos. Cada paradigma da investigação tem finalidades específicas e tende a responder a perguntas específicas, assim sendo a investigação deve ser feita recorrendo aos dois paradigmas, pois um completa o outro. A investigação para ter ideias bem fundamentadas deve conter dados concretos como dados descritivos e assim a informação obtida na investigação é mais fidedigna e pormenorizada.

Agora com um exemplo vou tentar explicar o que já foi referido em cima. Queremos estudar o número de quedas de camas em serviços de fisioterapia por parte dos utentes durante um mês. Este estudo é puramente quantitativo e logo rigoroso, pois os dados tirados do objecto de estudo são dados palpáveis e visíveis por todos da mesma forma. Agora pergunto: se adicionarmos a estes dados quantitativos dados qualitativos? O estudo iria ser muito mais aprofundado e teria mais benefícios. Os dados qualitativos a adicionar poderiam ser a forma como os utentes caíam das camas, e assim sabíamos onde entrevir e tínhamos um meio de comparação que era dado pelos dados quantitativos. Com este exemplo, podemos ver que com os dois paradigmas tudo se torna fácil e efectivo e só assim é que podemos intervir com qualidade e objectividade.

Em conclusão, a investigação deve conter os dois paradigmas, pois para que haja uma evolução na Fisioterapia e em outras áreas da saúde temos de investigar com o máximo rigor e qualidade, mesmo que os estudos sejam mais demorados e dispendiosos.

A leitura dos artigos **“Abordagens alternativas à Investigação em Fisioterapia: Positivismo e Fenomenologia”** e **“Human Nature and Research Paradigms: Theory Meets Physical Therapy Practice”**, permitiu uma melhor compreensão das diferentes perspectivas de investigação.

A investigação é um processo complexo e dinâmico que permite aumentar os conhecimentos acerca de um tema específico. Esta surge como consequência de experiências do dia-a-dia, questões levantadas em publicações, interesse em determinado tema, teses de mestrados e/ou doutoramentos, etc.

Segundo as bibliografias disponibilizadas, a Investigação possui duas perspectivas filosóficas distintas, ou seja, dois paradigmas que nos dão diferentes formas de encarar a realidade, os quais são, o Positivismo e a Fenomenologia.

O primeiro paradigma, o Positivismo, trata as questões da investigação de uma forma quantitativa e caracteriza-se por ser uma interpretação mais exacta e objectiva da realidade. O estudo efectuado é analítico, baseado na análise estatística, onde cada intervenção é controlada, de forma a reduzir o risco do sujeito ter comportamentos indesejados. Neste paradigma, o sujeito em estudo não tem um papel activo e não é analisado no seu contexto natural, mas sim num ambiente artificial, controlado pelo investigador.

O segundo paradigma, a fenomenologia, trata as questões da investigação de uma maneira qualitativa, procura obter uma realidade mais direccionada sobre determinado assunto e encara o sujeito em toda a sua dimensão, tendo este um papel activo na investigação, sem ser submetido a qualquer manipulação e é compreendido na sua globalidade, dentro do seu contexto natural.

Mesmo que o Positivismo seja o paradigma de investigação predominante, não podemos generalizar nem dizer que este seja melhor que a fenomenologia, uma vez que a utilização destes dependem do tipo de estudo em questão e as características do investigador, ou seja, a cultura, as crenças e os valores do investigador também vão influenciar a escolha do paradigma de investigação.

Alguns investigadores, por vezes, utilizam ambos os paradigmas com o propósito de aprofundar a sua investigação e, ao mesmo tempo, aumentar os seus conhecimentos acerca do objecto/tema em estudo, estabelecendo, à priori, a estrutura e o modo de conjugação dos paradigmas de modo a seguir uma sequência lógica.

Na minha opinião, na área da Fisioterapia devem ser efectuadas mais investigações utilizando ambos os paradigmas, uma vez que eles se complementam e, posteriormente, permitem que a investigação seja mais rica em informações/dados que poderão ser importantes para a realização de futuras descobertas nesta área. No entanto, considero que se deve dar mais relevância à credibilidade e à fidedignidade do que propriamente à escolha do paradigma em si.

Na área da Fisioterapia a Investigação possibilita o seu crescimento como profissão e, ao mesmo tempo, permite que a intervenção do fisioterapeuta seja mais ampla e apropriada para cada tratamento, patologia e, muito importante, para cada utente uma vez que este é um ser bio-psico-social, tem um problema específico, tem uma perspectiva única de encarar a vida e as situações do dia-a-dia. Assim, quanto maior a especificidade do tratamento aplicado, tendo em conta a pessoa em todos os seus contextos, maior a adaptação ao tratamento e maior recuperação. A investigação pode ainda ser útil para a descoberta de novos tratamentos e novas patologias.